

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ TEMÁTICO

O presente número da revista *Littera on line* reúne trabalhos e pesquisadores(as) em torno do tema “raça, gênero e brasilidade: discursos, identificações, subjetividades”. Direta ou tangencialmente, as análises reunidas neste dossiê temático se fazem a partir de materialidades do discurso e seus desdobramentos em sua relação constitutiva com a história e com a memória. De algum modo, todos os textos dialogaram com pelo menos um dos direcionamentos trazidos no tema proposto para esta edição. Ainda que nem todas as análises se situem no escopo teórico da Análise do Discurso materialista, destacamos, e assumimos como efeito de nossas leituras e de nossos próprios posicionamentos teórico-políticos, um eixo teórico nesses trabalhos que para nós é questão central: a interpelação ideológica que passa também tanto pela determinação de gênero quanto pela identificação racializante.

Destacamos ainda os diálogos entre outras formulações de análises do discurso – a Análise do Discurso francesa e a Análise Crítica do Discurso –, e os diálogos com a história da literatura, com a história social e com a teoria literária. Os trabalhos se situam em espaços moventes entre o domínio dos estudos linguístico-discursivos e o das artes, da história, da sociologia, da literatura, do cinema, e mantêm a língua/linguagem como um dos seus eixos de reflexão em uma diversidade de textualizações. As diversas abordagens são enriquecedoras para a compreensão do tema e atestam sua contribuição para os estudos do discurso, além de demonstrarem a pluralidade das propostas interdisciplinares e transdisciplinares quando são mobilizados os conceitos de raça, gênero e sexualidade.

Ademais, as formas de materialidades do discurso são diversas – charge, corpo, grito; materialidade fílmica, jornalística, novelística – bem como as formas de identificação/subjetivação trazidas à baila pelas análises aqui reunidas. Chama a atenção o modo como se mostra a imbricação dessas diferentes materialidades na repetição do discurso dominante bem como em gestos de resistência. Mencionamos o grito e a voz na materialidade fílmica, o discurso jornalístico sobre o mercado publicitário em uma reportagem de um grande jornal, a foto de capa de um jornal e o corpo de mulher em chamas, o efeito metafórico e metonímico que vai da análise de um programa de TV a uma charge, passando pela imagem da

fogueira da inquisição, além das novelas e os imaginários raciais, o corpo e os modos de subjetivação da mulher indígena.

O discurso literário é objeto de duas análises. Laila T. Correia e Silva direciona seu olhar para os romances *Til* (1872), de José de Alencar, e *A família Medeiros* (1891), de Júlia Lopes de Almeida. A autora analisa as personagens femininas e os sentidos de “mulher livre” e “mulher escravizada” no século XIX, considerando o patriarcalismo e as estratégias de superação da opressão nas análises empreendidas. O romance *Maíra*, de Darcy Ribeiro, é objeto da leitura de Carlos Giovani Dutra Del Castillo, que, ao analisar a cultura indígena e os rituais de morte no romance, ressalta a interrelação entre índios e brancos e o sepultamento da cultura indígena em contato com o chamado mundo civilizado.

Águeda Borges também trata da relação entre índios e a sociedade ocidental, discutindo especificamente práticas de resistência de mulheres indígenas de várias etnias. Com base na Análise de Discurso de vertente materialista, analisa processos de subjetivação considerando as discursivizações em torno do sujeito, assim como os elementos étnico-raciais e de gênero como construções discursivas em dizeres de mulheres indígenas que constituem o *corpus* discursivo. A autora ainda apresenta como materialidades significantes os gestos ritualísticos, incluindo pinturas e grafismos presentes em fotos, de modo a desafiar as práticas analíticas.

As imagens são interpretadas como práticas de resistência na história por Nadia Neckel e Giovanna Flores. As autoras propõem a fogueira inquisitória como metáfora em um artigo que afirma a necessidade da reflexão teórica e política para a manutenção de um estado democrático de direito, quando ser mulher e/ou ser de esquerda são crimes, em mídias que funcionam como dispositivos do poder hegemônico. Em um diálogo entre a Análise de Discurso e o pensamento de Butler, são analisadas fotos de Dilma Rousseff e Manuela D’Ávila – materialização da presença de mulheres no cenário político em contraposição às práticas históricas de negação da capacidade de liderança feminina.

Partindo também de uma tomada de posição teórico-política, outro texto que elege diretamente os processos de subjetivação é o de Rogério Modesto. Seu artigo analisa o grito “Você é negro!”, presente em uma cena do filme “*Ó paí, ó!*” para discutir a interpelação ideológica em relação à questão racial. Para compreender tal problemática, são considerados tanto os pressupostos da Análise de Discurso materialista quanto seu investimento ainda

limitado no elemento racial quando discute os processos de constituição do sujeito do/no discurso. Em sua análise, denúncia e acusação do outro participam da elaboração de si, em um movimento de desestabilização das sinonímias racistas no complexo processo de reelaboração do corpo negro.

Dialogam com o trabalho de Modesto os artigos produzidos por Adilson do Nascimento Gomes e por Larissa Goulart. Gomes evidencia a tensão entre a repetição de discursos escravagistas na mídia e o discurso da diversidade racial dentro das agências de publicidade. Em uma análise do discurso jornalístico, mais especificamente, de uma reportagem sobre o negro no mercado de trabalho publicitário, argumenta em torno da posição de que esses sentidos reforçam desigualdades e o interesse financeiro da pretensa representação do negro na publicidade. Ainda sobre o tema da representação, Goulart investiga a representação racial em novelas recentes da emissora Globo. Seu artigo constata o número reduzido de personagens negras bem como de escritores e diretores negros, analisando o modo como essa representatividade limitada impacta a socialização no Brasil e a representação do Brasil no exterior, considerando a circulação das telenovelas brasileiras.

Por fim, apresentamos o artigo de Letícia Santana Gomes sobre a editora mineira independente Maria Mazarello, fundadora da primeira casa de edição dedicada à publicação afro-descendente. A partir do documentário *Por uma memória editorial* (2015), a autora, valendo-se do conceito de *ethos* discursivo proposto abordado por Amossy e Maingueneau, analisa *ethé* discursivos presentes nas narrativas autobiográficas da editora Maria Mazarello, refletindo sobre a maneira como o papel da editora dialoga com suas narrativas de vida que envolvem esforço, persistência e trabalho árduo, associados ao engajamento social, cultural e político. Seu trabalho resulta na visibilização da trajetória de uma mulher negra e pobre dedicada aos livros que lida com discriminações, rompe paradigmas e faz história, e também proporciona discussões sobre as práticas editoriais vistas também sob o viés das relações marcadas por classe, raça e gênero.

Como gesto interpretativo nosso, lemos nesses trabalhos diferentes formas que significam os sujeitos com sentidos racializantes/raciais e de gênero em relações contraditórias com as diferentes memórias constitutivas do imaginário da brasilidade – nos discursos de/sobre a colonização, a diáspora, a democracia racial, a identidade nacional, e/ou tocam em memórias

relativas a esse imaginário. Por fim, o escopo das análises abrange tanto formas de (re)produção de identificações racializantes/racistas e gendradas/sexistas quanto possibilidades de resistências e de produção de sentidos outros para os sujeitos postos em circulação nas produções e formulações discursivas analisadas.

Glória França

Mariana Jafet Cestari